

O INFERNO O INFERNO  
O INFERNO  
O INFERNO O INFERNO

BERNARDO SANTARENO

# O INFERNO

CAPA DE OTELO AZINHAIS

BERNARDÔ SANTARENÔ



# O INFERNO

PEÇA-JULGAMENTO EM 3 AUDIÊNCIAS  
E 8 RETROSPECTIVAS

EDIÇÕES ÁTICA  
LISBOA

## PERSONAGENS

Eurídice  
(Eurydice Olivier)

Orfeu  
(Orpheus Wilson)

Maureen Williams

Sophia Smith

Joseph Smith

Dorothy Olivier

Rapariga

Voz de Ann Gilbert

Mary Gilbert

Edward Jones

Director

1.º Juiz

2.º Juiz

Juiz-Presidente

Procurador da Rainha

1.º Advogado de acusação

1.º Advogado de defesa

2.º » » »

2.º » » »

Escrivão, Oficial de Diligências, Guardas, Homens e Mulheres da assistência, Fotógrafos, Ardinas (voz).

## PERSONAGENS

1.º Jurado	5.º Jurado
2.º »	6.º »
3.º »	7.º »
4.º »	8.º »
1.ª Mulher-Jurado	3.ª Mulher-Jurado
2.ª » »	4.ª » »

Superintendente Howard

1.º Detective

2.º Detective

Polícias

Psiquiatra

Anátomo-Patologista

Perito

«CHESTER, 6-5-66 — Ian Brady e Myra Hindley, os amantes diabólicos, foram condenados a prisão perpétua, findo o seu julgamento, iniciado a 19 de Abril, no tribunal de Chester. Acusados de terem assassinado Edward Evans, de 17 anos, Lesley Ann Downey, de 10, e John Kilbride, de 12, sempre negaram a sua culpabilidade. O júri reconheceu Brady culpado dos três crimes e Myra Hindley culpada dos dois primeiros e cúmplice do terceiro...

O Juiz, ao ler a sentença, acentuou ter sido este um dos processos mais atrozes da história e que os dois acusados tinham sido reconhecidos como culpados das mortes cruéis executadas a sangue frio...»

*«Diário de Notícias», 7-5-66*

*Em Inglaterra. Actualidade. Sala de julgamentos, em palácio antigo. Ao fundo, por baixo das insígnias da Coroa, num plano elevado e central, está a mesa dos Juizes: São três, o Juiz-Presidente ao meio, cada qual sentado no seu velho cadeirão nobre, de sóbrio ornamento. Ao longo da parede lateral direita, o banco corrido destinado aos doze Jurados. À esquerda média, em situação de destaque, fica a tribuna hexagonal das testemunhas, as quais entram na sala do julgamento por uma porta situada à esquerda alta. Equivalente a esta, do lado oposto, à direita alta portanto, uma outra porta com serventia para os Jurados. Duas pequenas mesas, uma posta logo por baixo e adiante da dos Juizes, a outra um pouco por detrás e à esquerda: Destinam-se ao Escrivão e ao Oficial de Diligências, respectivamente. O cadeirão do Procurador da Rainha, antigo e solene, está colocado do lado direito, em plano mais elevado e posterior que o dos Advogados. Estes ocupam duas mesas, dispostas obliquamente: A dos Advogados de Acusação situada à direita, e a dos Advogados de Defesa à esquerda. Ao centro, uns degraus abaixo dos planos antes referidos, está a grande caixa rectangular de vidro transparente destinada aos réus; esta gaiola de vidro à prova de bala destina-se a proteger os dois acusados da fúria da multidão, e ocupa os planos mais dianteiros do palco; nas paredes laterais do rectângulo, uma de cada lado, duas pequenas portas talhadas no vidro e habitualmente cerradas. O pavimento desta gaiola é móvel, de modo a permitir a descida do rectângulo de vidro abaixo do nível de visibilidade dos espectadores e, logo a seguir, a sua subida com as cenas correspondentes às várias Retrospectivas já montadas: Assentará pois sobre um elevador.*

## 1.ª AUDIÊNCIA

*Escuro total no palco. Ouve-se apenas a voz solene e fria do 1.º Jurado: Recita a fórmula do juramento.*

### 1.º JURADO

Juro por Deus Todo-Poderoso que desempenharei bem, com sinceridade e boa consciência, o cargo em que fui investido como intermediário entre Sua Majestade a Rainha e os réus aqui presentes na barra. (*Luz focada, de intensidade crescente, sobre o 1.º Jurado: Lê as palavras do juramento num formulário que segura com uma das mãos, enquanto a outra poisa ritualmente sobre a Bíblia que o Escrivão lhe oferece.*) Juro que darei um veredicto final justo, com base nas provas apresentadas. (*Entrega a Bíblia e o cartão-formulário ao Escrivão; sentam-se ambos, nos lugares respectivos. A luz alarga-se a toda a bancada dos Jurados: Oito homens e quatro mulheres. A composição do tipo, para cada um destes Jurados, deve ser muito cuidada e de acordo com as psicologias e vivências respectivas; as suas idades oscilarão entre os trinta e cinco e os sessenta e cinco anos; vários níveis sociais também; para lá da compostura mais ou menos rígida e formal dos rostos, o espectador irá descobrindo nos membros do júri motivações várias, relativamente ao processo em julgamento, volúpias diferentes. Um foco de luz incide primeiro sobre as insígnias da Coroa e depois também sobre a figura do Juiz-Presidente: Com a cabeleira e as vestes próprias do cerimonial jurídico inglês, é um homem à volta dos sessenta anos, extremamente digno, de rosto frio e nobre mas não destituído de simpatia; olhos vivos e móveis, sempre atentos, numa face de parcimoniosa exteriorização. Rompendo de súbito, implacável, a luz — uma luz mais intensa e crua — cai agora sobre a gaiola de vidro: Sentados nas suas cadeiras, os troncos muito direitos, sur-*

*gem os acusados Orfeu e Eurídice, aparentemente impassíveis e distanciados, bem erguidas as cabeças altivas. Orfeu está vestido de cinzento escuro, sóbrio, quase elegante; tem vinte e oito anos, é alto e magro; testa proeminente, olhos verdes e gelados, nariz estreito de narinas móveis, lábios carnudos mas de fino desenho que a tensão interior em geral adelgaça subtilmente. Eurídice tem vinte e três anos; loira e bastante maquilhada, veste um elegante saia-e-casaco preto sobre blusa clara, verde-azulina; beleza arredondada, muito pouco angulosa, cortada de quando em quando por lâminas metálicas, de fulgor súbito e consciente; sensualidade absorvente e passiva; no conjunto, embora discreto, algo de fácil, de quase barato. À primeira vista, nem Orfeu nem Eurídice constituem sustentáculo convincente para nomes como «bandidos», «monstros», «desgraçados», «infelizes», etc. Realmente, a segurança agressiva que exibem, a beleza orgulhosa e cuidada, as suas masculinidade e feminidade «certas» e sem estigmas aparentes como que decepcionam jurados e assistentes, confundindo-os, retardando-lhes a opinião classificadora.*

*Luz nos restantes sectores do palco: A sala do julgamento está agora completamente iluminada, com todas as personagens e figurantes — Juizes, Advogados, Procurador da Rainha, Guardas, etc. — nos respectivos lugares. Silêncio total. O 1.º Guarda abre a porta lateral da gaiola de vidro, do lado de Orfeu; uma Mulher-Polícia faz o mesmo do outro lado, relativamente a Eurídice. Os dois acusados levantam-se, encaminham-se cada qual para a porta respectiva, e saem do rectângulo com passos firmes, muito direitos, sem olhar para ninguém. Logo os 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º e 7.º Guardas correm marcialmente, dispondo-se em duas alas, entre a gaiola de vidro e a tribuna das testemunhas: Eurídice e Orfeu passam por este corredor de segurança, acompanhados lado a lado respectivamente pela Mulher-Polícia e pelo 1.º Guarda. Estes últimos sobem para a tribuna com os*

## 1.ª AUDIÊNCIA

*réus, imobilizando-se depois atrás e um pouco ao lado de cada um deles. Orfeu e Eurídice estão de pé, junto do bordo da tribuna, sempre rígidos e «incomunicáveis»: Como que distraídos, nauseados, passeiam os olhos pelo tribunal. No mesmo ritmo acelerado e batido, os 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º e 7.º Guardas desfizeram o corredor e vêm agora colocar-se à volta e por debaixo da tribuna, em atitude defensiva dos réus contra a assistência. Pelas coxias central e laterais do teatro, correm alguns fotógrafos: Clarões sucessivos, disparos sobre Orfeu e Eurídice. Rumor agressivo da assistência. Movimento ondeado e contido, entre os Jurados; destaca-se a 1.ª Mulher-Jurado, que anda à volta dos cinquenta anos, seca e desfeminizada, de pele cinzento-amarelada, lábios estreitos e murchos, velho penteado de cabelos grisalhos, e dois olhos vivíssimos de extrema mobilidade: Debruça-se mais na direcção dos acusados, curiosa, ávida; segreda algo ao ouvido da 2.ª Mulher-Jurado; volta a debruçar-se, rápida, sequiosa; cochicha agora ao ouvido do 8.º Jurado.)*

**ESCRIVAO** *(Que veio até junto da tribuna; dirigindo-se ao réu.)*  
Orfeu Wilson, é acusado de ter assassinado Edward Jones, de dezassete anos de idade; Ann Gilbert, de dez anos; e John Huston de doze. O primeiro destes crimes de morte foi cometido em dezanove de Outubro de 1965; o segundo no dia vinte e seis de Dezembro de 1964; e o terceiro a vinte e três de Dezembro de 1963. *(Rumor mais alteado da assistência.)*  
Declara-se culpado, ou inocente, destes crimes?

**ORFEU** *(Sem exteriorizar a mínima emoção, ou receio; voz firme, clara e nítida.)* Inocente. *(Aumenta o ruído assanhado do público assistente. Vindo da galeria, ouve-se um riso grosso de Homem, raivoso e trocista. Logo a voz riscada e escarninha duma Mulher da Assistência:)*

VOZ DE MULHER

Ai, inocente!... (*Riso.*) Vou já daqui a correr, bordar-te um par de asas!... (*Recrudescer o clamor público. Impassíveis sempre, Orfeu e Eurídice.*)

JUIZ-PRESIDENTE

(*Com autoridade serena; voz imperiosa e grave, mas nem por isso muito levantada.*) Silêncio!! Silêncio, por favor! (*O silêncio restabelece-se sem demora.*) Rogo-lhes, meus senhores, que me não obriguem a fazer-lhes novamente este pedido: Porque uma nova interrupção nos trabalhos do julgamento que aqui nos tem reunidos, será, eu vo-lo asseguro, a última. (*Pausa. O silêncio é agora total e profundo.*) Rogo mais aos membros do júri que tudo façam para não se deixar influenciar pelo clima de exaltação histérica, criado à volta deste caso. Caso que foram chamados a julgar. Um ambiente assim explosivo, vós bem o sabeis, é tudo quanto há de mais contrário à serenidade lúcida, atenta e científica, que a Justiça exige para que possa exercer-se dignamente. O júri deve pois esquecer todos os detalhes de horror que os jornais, a rádio, a televisão e o cinema pressurosamente começaram a fabricar: Peço-lhe, ousado exigir-lhe, que julgue tão-só com base nas provas que aqui forem apresentadas! Realmente, cada um dos jurados deve varrer do sentimento esses venenos de fácil e mórbida emoção, ganhando, ou conservando, a claridade da sua consciência, e robustecendo o respeito pela vida e destino dos outros homens. Lembro-lhes que os dois réus, aqui presentes na barra, são apenas acusados dos crimes referidos, e não mais do que acusados! Inocentes? Culpados? Averiguá-lo, é o objectivo dos nossos esforços. Oxalá possamos chegar ao fim com a consciência de termos iluminado um veredicto justo, inteiro e livre de condicionamentos de toda a espécie! Oxalá. (*Pausa. Debruçando-se um pouco mais para a assistência; no rosto, simpatia inteligente, uma vaga tristeza.*) Perguntar-me-eis: Pois que há-de sentir uma criatura humana, perante crimes tão nefandos, senão horror, náusea e indignação?! E eu res-

pondo: Motivo de sobra para que quem julgue, assista ou dê notícia destes crimes nos jornais, cuide de não levantar o mínimo estorvo ao livre exercício da Justiça. Se é certo que olhos humanos dificilmente poderão enxergar o abismo de crueldade oculto na determinação de quem estes crimes cometeu, se é verdade que todo o rigor penal parece coisa mínima perante a enormidade do delito, não é menos certo que, por isso mesmo, todo o cuidado será pouco no julgamento dos seus presumíveis culpados! Devem ter sempre presente que, neste processo, a culpabilidade atribuída equivale ao ferrete dos mais monstruosos estigmas: Errar, num caso destes, seria igualmente monstruoso! (*Pausa. Sorriso triste, desencantado.*) Nestes tempos que nos coube em sorte viver, a Justiça vê-se obrigada, não uma mas muitas vezes, a descer ao mais profundo dos infernos!... Os ilustres magistrados e casuístas, que comigo vão intervir neste julgamento, sabem que eu não minto. Cumpre-me assinalar especialmente, neste tribunal e ocupando a cadeira do acusador da Coroa, a presença prestigiosa e respeitadíssima de Sir Melwin Douglas, Procurador Geral da Justiça em Inglaterra. (*Ligeira vénia, gravemente correspondida pelo Procurador da Rainha. Sinal ao Escrivão.*)

**ESCRIVÃO** (*Continuando.*) Eurídice Olivier, é acusada de ser parte activa nos assassínios de Edward Jones e de Ann Gilbert. Acusada ainda de cumplicidade no terceiro dos homicídios em julgamento, executado sobre a pessoa de John Huston, de doze anos de idade. Declara-se culpada, ou inocente, destes crimes?

**EURÍDICE** (*Como Orfeu.*) Inocente.

**ESCRIVÃO** (*Voltando-se para a bancada do júri.*) Membros do júri, o réu Orfeu Wilson é acusado dos assassinatos de Edward Jones, de Ann Gilbert e de John Huston. Declara-se inocente

destes crimes. A ré Eurídice Olivier é acusada dos dois primeiros homicídios e de cumplicidade no terceiro. Declara-se também inocente. Cabe-vos a vós, membros do júri, decidir com base nas provas apresentadas se eles são culpados, ou inocentes, dos crimes que lhes foram imputados.

*(Vénias ao júri e aos juizes; volta a sentar-se no lugar do costume. Baixa geral da luz, salvo ao nível da tribuna, sobre os dois acusados. Um foco luminoso irá percorrendo os Jurados, quedando-se num ou noutro que fale e enquanto falar. Estas falas ouvem-se em «off», correspondendo ao monólogo interior dos respectivos Jurados. Estes, enquanto escutam as suas vozes, mantêm a postura de jurados em audiência, só por momentos a atraçoando.)*

**1.ª MULHER-JURADO** *(Nervosa, com movimentos rápidos e quase descontrolados, os olhos em contínuo vaivém.)* Arranjaram-na bonita! Ou eu me engano muito, ou vocês nunca mais vêem a luz do dia... E se não foram estes? Palavra de honra que, à vista, ninguém seria capaz de pensar naqueles dois como assassinos de crianças... dois monstros! Ninguém, tenho a certeza. E ela, a Eurídice? É espantoso como, no meio disto tudo, o diabo da rapariga ainda achou tempo e disposição para se pintar e embonecar...! Unh, não me parecem nada aflitos... Antes pelo contrário: seguros, sem medo, desdenhosos...! Claro que na raiz de todo este pesadelo lá estão essas porcarias do sexo. Oh, era capaz de jurar! Com franqueza... não sei, mas... acho-os normais, iguais a qualquer outro par de noivos! Se calhar, não foram eles...?!

**2.ª MULHER-JURADO** *(Que tem trinta e cinco, quarenta anos; branca e loira, um pouco cheia nas faces; olhos claros e tímidos, mesmo humildes às vezes; discreta, um certo requinte geral. Predominantemente assustada.)*

Túmulos; brancos por fora e cheios de podridão no

## 1.ª AUDIÊNCIA

interior. Esta vida é realmente uma selva. Terrível, implacável. (*Limpa o suor, angustiada, da fronte e das faces.*) Dois abutres; um casal de tigres!...

**3.º JURADO** (*Quarenta anos num homenzinho gordo e pequeno, de mãos papudas e curtas, óculos redondos com aro de ouro, bochecha encarniçada e boquinha gulosa, às vezes refilona.*)

Este, vai ser o julgamento do ano! Sensacional. Oh, já começam a correr rios de tinta pelos jornais do mundo inteiro! Tenho que aproveitar esta formidável publicidade... em meu favor pessoal! É justo, será a minha compensação. E veio no momento mais azado: Se, depois disto, não for nomeado director dos serviços... nunca mais o serei! Tenho de ver se a minha fotografia sai nos jornais: Ajudava, claro!

**1.º JURADO** (*Homem velho, magro e alto, vestido de preto. Cabelo todo branco; impressão geral de austeridade, algo de inflexível; no rosto, todas as feições são absorvidas pelos olhos negros e fundos, dum brilho fixo e cruel, abismais por vezes.*)

Não vai ser fácil, Orfeu! Nem para ti, nem para nós. Tu és duro, que eu bem o sinto: De ferro. Só a martelo e fogo te moldarão. Tê-los-ás!

**3.ª MULHER-  
-JURADO** (*À volta dos cinquenta anos, vestida e maquilhada de modo um tanto espalhafatoso, «literária»; gesto, muito repetido, de tirar e pôr os óculos despropositados, exóticos; um certo postigo declamatório na voz.*) É muito bonita, esta Eurídice. Bem arranjada, poderia mesmo tornar-se fascinante!... (*Eurídice volta-se um pouco para Orfeu e olha-o por segundos, ansiosa, profundamente; Orfeu imóvel, impenetrável.*) Como ela gosta do rapaz! O Orfeu domina-a inteiramente: É o deus do seu prazer, anjo e verdugo, a sua tormenta...! Como nos versos de Lermontov:

«...esta união breve e no entanto violenta  
dum coração atormentado unido à tormenta...»

*(Luz normal em todo o palco. Prossegue o julgamento. O 1.º Guarda e a Mulher-Polícia reconduzem Orfeu e Eurídice à gaiola de vidro. Entre esta e a tribuna, os outros Guardas voltam a estabelecer o corredor de segurança por onde novamente passam os acusados. Orfeu e Eurídice retomam as suas cadeiras; aguardam friamente. O 1.º Guarda e a Mulher-Polícia fecham à chave as portas laterais do rectângulo de vidro, e quedam-se vigilantes, um de cada lado. Os Guardas restantes dispõem-se como habitualmente em redor da gaiola, como reforço de protecção. Silêncio expectante e pigarreado: O Procurador da Rainha vai ler a acta da acusação.)*

**PROCURADOR DA  
RAINHA**

*(Homem de cinquenta e cinco, sessenta anos; moreno, de olhos muito vivos e atentos; gestos refinados, tal como a voz, às vezes tocando o snobismo; agudo e combativo; personalidade forte, dominadora, que só o perfeito auto-contrôle impede de se extravasar em violências.)* Em tempos de mais fé que o nosso, a estranha e demoníaca natureza íntima dos crimes que vamos julgar certamente obrigaria este tribunal de homens a colocar-se na dependência dos juízos de Deus, dividindo assim com o Todo-Poderoso as responsabilidades da sentença. Na época dessacralizada em que hoje vivemos, a Justiça humana terá de carregar sòzinha com o fardo monstruoso destes crimes, de assumir por inteiro o seu julgamento.

Sir Anthony Perkins, ilustre juiz-presidente do tribunal, tem razão: Para compreendermos e bem julgarmos os crimes deste arrepiante processo, teremos todos de descer aos infernos, degrau a degrau, sem medo nem cobardias. E os membros do júri devem preparar-se para esta penosa viagem, tanto mais que receio ter de lhes mostrar certas

## 1.ª AUDIÊNCIA

provas do corpo de delito, realmente horríveis de ver ou ouvir. Estarão dispostos? Terão a coragem e a serenidade indispensáveis?... *(Silêncio em que fixa profundamente os olhos nos Jurados, percorrendo-os um a um. Baixa um pouco a iluminação geral. Foco sobre o Procurador da Rainha; foco móvel incidindo sobre o júri.)*

**1.ª MULHER-JURADO** *(Muito excitada, trémula, os olhos coruscantes; em «off».)* Meu Deus, o que será? Que irão eles mostrar-nos aqui?! O sangue agoniza-me, faz-me vômitos... Mas aguento. Aguentarei tudo, até ao fim! É o meu dever. *(Após hesitação; perturbada, com quase volúpia:)* Que será? O que iremos nós ver e ouvir? Sexo, claro! Perversidades, pecados contra natura... Sodoma e Gomorra. E Deus? E o castigo divino? A Inglaterra de hoje é um chiqueiro, uma pocilga. Suínos, todos porcos! Naturalmente pensam que os outros são melhores do que Orfeu e Eurídice? Não são. Iguais. Todos chafurdam, todos gostam de se espojar no esterco! O que eles têm é mais medo, mais cuidado, mais manha: Não vão ao ponto de matar as vítimas, como Orfeu e Eurídice. Mas vontade não lhes falta... Suínos!

**2.ª MULHER-JURADO** *(Cada vez mais assustada.)* Se eu pudesse sair daqui, desistir...?

**3.ª MULHER-JURADO** *(Sempre em tom um pouco «literário», artificial.)* Este Orfeu é realmente muito belo! Olhos, boca, figura... Ah, compreendo bem a Eurídice! Qualquer mulher sensível estará disposta a aceitar, como verdade indiscutível e única, tudo quanto vier daquele rosto, daquelas mãos, daquele peito... Até o crime. A beleza obriga a um ritual de fé. Acredita, Orfeu, que só os homens te julgarão com a lógica jurídica, fria e dura. Os homens e as mulheres feias... feias e velhas. *(Observa, por momentos, a cabeça ávida e movediça da 1.ª Mulher-Jurado.)* Oh, o prestígio incalculável da bele-

## O I N F E R N O

za!... Ninguém como Shakespeare o disse melhor, na fala célebre de Julieta:

«Ó coração de serpente sob um rosto em flor!  
Jamais um dragão se ocultou em antro tão formoso!  
Belo tirano! Angélico demónio!  
Corvo com penas de pomba! Cordeiro voraz como o lobo!  
Desprezível substância de aparência divina!  
Exacto contrário do que exactamente pareces:  
Um santo maldito, um honrado vilão!  
Que fazias no inferno, ó Natureza,  
Quando insinuaste a alma de um demónio  
No paraíso mortal de tão doce carne?  
Alguma vez um livro com tão vil matéria  
Teve tão bela capa? Oh, porque havia de habitar a falsidade  
Em tão sumptuoso palácio?»

2.<sup>a</sup> MULHER-  
-JURADO

Não suporto isto. Quero ir-me embora!...

4.<sup>a</sup> MULHER-  
-JURADO

*(Que tem sessenta anos, mais ou menos; quase obesa, serena e simples, aparentando o todo duma velha professora primária; compreensiva, bondosa; sente-se o somatório duma vida cumprida, não frustrada.)* Ainda bem que já sou velha. Não tenho pena nenhuma. Custa tanto ser novo, é tão perigoso, tão traiçoeiro...! Estes dois caíram nas armadilhas da vida, não foram capazes de se livrar: São ainda tão jovens!... Meu Deus, que mundo o nosso! Tenho pena deles. Estão cheios de medo, os pobrezinhos: Aqueles ares, aquele orgulho que atiram à gente como uma pedrada... não passam de disfarces, máscaras para encobrir o medo. Quem me dera que o Orfeu e a Eurídice estivessem inocentes, que saíssem daqui absolvidos... Quem sabe? Talvez eu possa ajudá-los.

2.<sup>a</sup> MULHER-  
-JURADO

*(Quase a descontrolar-se.)* Tenho medo!... *(Luz normal. Continua o julgamento.)*

## 1.ª AUDIÊNCIA

**1.º ADVOGADO DE DEFESA**

*(Encarregado da defesa de Orfeu. É um homem de quarenta e cinco anos, alto e forte, com qualquer coisa de desportista, de «lavado»: No conjunto, irradia simpatia viril, combatividade. Levanta-se.)* Que Sir Melwin Douglas me perdoe, mas sou obrigado a interrompê-lo para fazer ao tribunal uma proposta que, é pelo menos esta também a opinião do meu colega na defesa, lhe deve interessar: *(Pausa. Expectativa.)* Proponho que seja dispensada a colaboração das senhoras que fazem parte do júri. *(Pausa. Reacção dos quatro componentes femininos, na bancada do júri: Mais exuberante e indignada a da 1.ª Mulher-Jurado, que se volta e sussurra para a direita e para a esquerda, com excesso de gesticulação; a 2.ª Mulher-Jurado alisa as rugas da frente, respirando aliviada; a 3.ª Mulher-Jurado sente-se ofendida na sua consciência de intelectual, de indivíduo superior e militante; a 4.ª Mulher-Jurado encolhe os ombros com bonomia, esboçando um sorriso simpático e meio trocista.)* Isto propondo, a defesa crê ir ao encontro das prevenções que Sir Anthony Perkins e o ilustre Procurador da Rainha acabam de nos fazer: Referem-se elas ao perigo provável de alguns membros do júri, traumatizados pela natureza das provas e dos delitos a julgar, chegarem ao fim deste julgamento emocionalmente incapazes dum veredicto lúcido e distanciado, um veredicto justo. *(Movimento irritado da 1.ª Mulher-Jurado.)* Com tanto mais razão que, sem dúvida, o que nestas audiências iremos ver, ouvir e discutir é na verdade revoltante, direi mesmo, terrível. Permiti pois, minhas senhoras que sois membros dignos deste júri, que seja a defesa a tomar a iniciativa de vos poupar a palavras e actos tão cruéis e vergonhosos, tão contrários à delicada substância da vossa natureza!... *(Senta-se.)*

**JUIZ-PRESIDENTE**

Que pensa Sir Melwin Douglas desta proposta?

**PROCURADOR DA  
RAINHA**

A acusação não se opõe.

**JUIZ-PRESI-  
DENTE**

(*Para o 1.º Advogado de Defesa.*) O tribunal aceita a proposta da defesa. E, aceitando-a, presta homenagem aos dons de ternura, pudor e sensibilidade da Mulher, dons estes sobre os quais assentam, ou assentavam!, o bem-estar, a estabilidade e a moral da nossa sociedade. (*Sorriso polido na direcção das Mulheres-Jurados.*) Rogo portanto às respeitáveis senhoras, até este momento membros do júri, o favor de deixarem a sala, com a certeza de que os magistrados deste tribunal as consideram credoras da sua gratidão e do seu respeito. Bem hajam, e muito obrigado! (*A 2.ª Mulher-Jurado, mal isto ouve, levanta-se logo, evidentemente satisfeita; hesita um pouco, tímida, e depois encaminha-se apressada para a porta dos Jurados: Sai, acompanhada pelo Oficial de Diligências. A 3.ª Mulher-Jurado é a segunda a sair: Em «grande dama», imponente, com um ar desdenhoso e altivo. A seguir, é a vez da 4.ª Mulher-Jurado: Serena sempre, pesada, simples e maternal. Por fim, sai a 1.ª Mulher-Jurado: Azeda e rebarbativa, com movimentos sacudidos, em atitude franca de protesto; quase empurrada pelo Oficial de Diligências. Orfeu e Eurídice, como que alheios a tudo isto, olham distraídos para os magistrados.*)

**JUIZ-PRESI-  
DENTE**

Os trabalhos deste julgamento vão continuar, agora perante um júri só de homens. Sir Melwin Douglas, tenha a bondade de ler a acta de acusação. (*Orfeu e Eurídice preparam-se para tirar notas.*)

**PROCURADOR DA  
RAINHA**

(*Lendo.*) O réu Orfeu Wilson é acusado de ter assassinado Edward Jones, Ann Gilbert e John Huston. Eurídice Olivier é acusada do assassinio dos dois primeiros e de ter dado guarida ao Orfeu, com absoluto conhecimento de causa, logo depois de ele ter morto o pequeno Huston. Estes crimes foram cometidos entre 23 de Dezembro de 1963 e 19

## 1.ª AUDIÊNCIA

de Outubro de 1965. (*Interrompe a leitura, tira os óculos; a falar directamente para os membros do júri:*) Dado que em Inglaterra é costume assentar a acusação só num e não em vários crimes; considerando também o espaço de tempo que medeia entre os três assassínios imputados aos réus; e reconhecendo ainda certas circunstâncias e características próprias em cada um destes três homicídios, parece-me natural que surja entre os membros do júri a seguinte pergunta: Porque não julgar separadamente estes crimes? A esta questão responderei, dizendo que nada na lei impede que sejam reunidos num mesmo julgamento delitos diferentes, quando determinados pelas mesmas motivações profundas, e participantes duma essência única. Assim faremos, neste processo. (*Repõe os óculos, voltando a ler na acta de acusação:*) O desaparecimento dos pequenos John Huston e Ann Gilbert conduziu naturalmente a inquéritos aturados da polícia, prolongados durante semanas e meses. Sem quaisquer resultados, devo dizer-lhes. Inesperadamente, às 6,30 da manhã do dia 20 de Outubro de 1965, foi recebida na esquadra de West-Side uma chamada telefónica que, de investigação em investigação, levou à descoberta destes mistérios. A chamada foi feita duma cabina pública, tendo sido seu autor a principal testemunha de acusação, Joseph Smith, cunhado da ré Eurídice Olivier. Protegido pela polícia e logo conduzido à esquadra, em companhia de sua mulher Sophia, irmã da Eurídice, Joseph Smith acusou os réus aqui presentes na barra, afirmando ter sido compulsivamente obrigado a presenciar um crime de morte, executado por Orfeu e Eurídice na pessoa do menor Edward Jones, de 17 anos. Este homicídio teria sido praticado na casa que Eurídice Olivier partilhava com a avó, Mrs. Maureen Williams, de 77 anos de idade. Acidentalmente, Orfeu Wilson habitava também nesta casa. (*A luz vai baixando na zona da gaiola de vidro, ao mesmo tempo que o pavimento deste rectângulo desce gradualmente, até que Orfeu e Eurídice, imóveis e*

*impassíveis nas respectivas cadeiras, saem por completo da vista dos espectadores. Obscuridade total neste sector do palco.) Ainda segundo o testemunho de Joseph Smith, teria sido a Eurídice que o induzira a acompanhá-la a casa, na noite do crime. Escolhera, para este percurso, as ruas mais escuras e desertas. Na opinião do Smith, tudo quanto Eurídice Olivier fez, foi feito com inteiro conhecimento de causa. Uma vez chegados às imediações da casa, a ré pediu ao cunhado que ficasse fora, na rua, aguardando o sinal para entrar: A luz apagar-se-ia duas vezes, e das duas vezes voltaria a acender-se. Joseph Smith assim fez, espiando o sinal combinado na vidraça da janela. Passava já da meia-noite...*

*(Luz, no lugar cénico correspondente à gaiola de vidro. Durante a obscuridade desta zona, subiu um novo «plateau» substitutivo do primeiro: Interior em casa de Eurídice. Fogaõ de sala, poltronas, uma mesa, etc. Um certo conforto, não destituído de gosto, embora sem riqueza. Muitos livros. Nas paredes, duas reproduções: Um Van Gogh amarelo e desgrenhado; e um Picasso monstruoso, ameaçador. Um gira-discos. Três portas de comunicação: Uma, envidraçada, para o «hall»; outra que dá para a cozinha; a terceira, é a do quarto de Maureen. Uma janela que deita para a rua. Intensa ao nível deste cenário, a luz de cena baixou consideravelmente nos outros sectores do palco: Mantêm-se no entanto visíveis para os espectadores, ainda que em nebulosa, os elementos humanos constituintes do tribunal, como sejam Juizes, Advogados, Jurados, etc. É na zona iluminada e com o cenário descrito que se passará a primeira retrospectiva.)*

## RETROSPECTIVA I

*Em cena, Orfeu e Edward. Este último é um rapaz alto, de formas um tanto macias, vestido com excesso de adorno; é todavia a voz, o riso agudo e destemperado que, somando-*

## 1.ª AUDIÊNCIA

-se a certos ademanos dos movimentos, mais nos revelam a feminidade do moço.

*Edward, sem sapatos, com a camisa desabotoada e os cabelos compridos em desalinho, acaba de pôr um disco no aparelho: música de dança, ritmo moderno. De olhos semi-cerrados, começa a dançar sozinho; ambíguo, narciso. Dançando sempre, vem ao centro e queda-se em frente de Orfeu, os músculos todos obedecendo aos ritmos da música. Sentado num «maple», nas mãos um copo com uísque, Orfeu olha-o com uma expressão estranha e fixa: crueldade, náusea, um não sei quê de obsessivo. Uns segundos assim: Jogo perigoso; Narciso e a Morte. Edward toma as mãos de Orfeu, puxa-o para dançar. Este resiste; imóvel, de pedra. De súbito levanta-se, com a energia projectada dum tigre. Golpe de punhos, seco e duro, nos braços de Edward. Corre para o aparelho, tira o disco, e arremessa-o ao chão com força desmedida. Edward, caído sobre a mesa central, segue os movimentos de Orfeu: Perplexo, quase assustado. Luz no «hall». Entra Eurídice: Por momentos imóvel, à porta, avalia a situação com um olhar sombrio e profundo. Orfeu mantém-se diante do gira-discos, de costas para Eurídice. Edward, pouco à vontade, endireita-se, compondo a roupa; esboça um sorriso tacteante. Eurídice pregueia os lábios, num esforço de cumprimento.)*

**EURÍDICE** (Voz serena, tensa.) Orfeu?

**ORFEU** (Sem se voltar. Silêncio em que aumenta o seu tónus muscular.) Boa noite, Eurídice. (Continua a escolher um disco.) Então, novidades?...

**EURÍDICE** (Atravessando a sala, na direcção da cozinha.) Nada. Tudo bem.

**ORFEU** (Colocando o disco escolhido.) E os comprimidos?

**EURIDICE** *(Pára, quase a entrar na cozinha.) Comprei-os. (Procura na mala de mão:) Tenho-os aqui. (Vai ao centro, tal como Orfeu. Oferece-lhe o tubo de comprimidos, enquanto ele vasa água num copo. Edward, ainda contrafeito, tosse.)*

**ORFEU** Já conheces o Edward? *(Tira uma drageia.)*

**EURIDICE** *(Sem olhar para Edward.) Conheço. Creio que sim... (Orfeu toma o comprimido, bebendo uns golos de água. Ainda com o copo na mão, fixa longa, intensamente, os olhos de Eurídice. Esta aguenta, com violência domada: Deve sentir-se algo de profundo e terrível, neste olhar mútuo.)*

**EDWARD** *(Que foi até junto dum espelho de parede. Outra vez descontraído e efeminado, mexendo-se muito. Penteia-se.) Claro que conhece! Pois não se lembra, aquela noite, no «Red Moon»?! Dancei consigo pr'aj umas seis ou sete vezes seguidas... Você levava um vestido amarelo, e eu uma camisa lilás... Lembra-se agora? (Riso estridente.) Por acaso até demos barraca, muito razoavelmente: Você adornava, meio grossa; e eu já me tinha afundado todo, a pique!... (Riso agudo, maricas.) Foi nessa noite que conheci o Orfeu... (Dengoso, volta-se para Orfeu e Eurídice, o pente ainda nas mãos, um sorriso húmido nos lábios. Foco súbito sobre o Procurador da Rainha. Baixa ligeiramente a luz no sector da Retrospectiva. Enquanto durar a fala de Sir Melwin, os três personagens da cena anterior, Orfeu, Eurídice e Edward, imobilizam-se à maneira dos quadros vivos, cada qual numa atitude psicossomáticamente definidora.)*

**PROCURADOR DA  
RAINHA**

Permito-me chamar a atenção do júri para um por menor que, em meu entender, tem realmente muita importância: A pedido do seu amante Orfeu Wilson, e com inteiro conhecimento de causa, Eurídice Olivier comprou na far-

## I.ª AUDIÊNCIA

mácia um tubo de comprimidos. Sabemos tratar-se dum produto excitante, conhecido no mercado pelo nome de «Pro-plus». Vimos como o Orfeu tomou um destes comprimidos, na presença do Edward Jones que, daqui a pouco, morrerá às suas mãos. Temos, por outro lado, o testemunho de Joseph Smith: Segundo este, o réu ter-lhe-ia confessado que, antes de cometer cada um dos seus anteriores homicídios, tomara igualmente a mesma droga excitante. Claro que este cuidado do assassino — tomar um comprimido estimulante antes de matar — constitui uma espécie de medida preventiva contra qualquer fraqueza súbita que porventura viesse a ocorrer, durante o acto homicida. Digam-me, membros do júri, haverá outro nome mais apropriado do que o de «premeditação», para interpretar o facto referido? *(Com violência serena, contida:)* Premeditação. Assassínio com premeditação. *(Pausa.)* Segundo a defesa, o assassinato deste rapaz de dezassete anos mais não foi do que o lance final, inteiramente «inesperado», da luta que travou com o Orfeu, quando este pretendia roubá-lo. Qual a opinião do júri? Mero acidente, ou crime premeditado?... *(Apaga-se o foco luminoso apontado para o Procurador da Rainha. Continua a acção retrospectiva.)*

**EURIDICE** *(Num movimento brusco, subtraindo-se ao olhar de Orfeu.)* Vou arranjar-lhes qualquer coisa de comer.

**ORFEU** *(Intenso.)* Duas vezes. Tens de acender e apagar o... lume, duas vezes. *(Para Edward, com um sorriso cruel:)* Não gosto dos ovos queimados. *(Para Eurídice:)* Não te esqueças, anh?

**EURIDICE** *(A caminho da cozinha.)* Não me esqueço, Orfeu; descansa. *(Quase a sair, voltando-se para Orfeu, intencional:)* Duas vezes. *(Sai.)*

**EDWARD** (*Chegando-se para Orfeu.*) Que tem ela? É mesmo assim?... Posso beber mais um uísque?... (*Em silêncio, Orfeu prepara-lhe a bebida.*) Se calhar, ficou chateada...? Põe mais uma pedra... Pronto, está bem. Deixa que, prá outra vez, convidado-te eu. Se tiver massa... claro! O pior é que quase nunca tenho. (*Riso maricas.*) A Eurídice tem sempre aquela cara?... Achei-a esquisita... (*Hipócrita, provocante e efeminado, fixando Orfeu nos olhos:*) Ela... sabe?

**ORFEU** (*Gelado, os olhos cruéis cravados nos de Edward; dando-lhe a bebida.*) Sabe. Claro que sabe.

**EDWARD** (*Ligeiramente decepcionado primeiro. Bebe. Riso agudo.*) Ótimo! Ainda bem. Estou farto de broncas... (*Movimentos ondulados, estilo dança de «strip-tease».*) Quero dançar... dançar!... (*Passando por trás de Orfeu, tocando-lhe com um dedo nos cabelos, «coquette»:*) Põe outro disco, Orfeu... Sim?... Por favor, só mais um disco!...

**ORFEU** (*Inquietante, estranho.*) Outro disco? Com certeza, Edward, porque não?! (*A sorrir, mordente:*) Já o escolhi, já sei qual é. Será o teu «último» disco.

**EDWARD** (*Inconscientemente tocado pela estranheza do outro, o riso apagou-se-lhe nos lábios.*) O último...?!

**ORFEU** (*Os olhos parados, metálicos; como hipnotizado.*) O último, Edward. (*Mutação brusca, hipócrita; para sossegar o outro:*) É tarde. A Eurídice quer dormir... (*Dirige-se para o gira-discos.*)

**EDWARD** Pois, a Eurídice!... (*Senta-se; a calçar os sapatos:*) Raios partam as mulheres! Estragam sempre tudo... (*Suspendendo a tarefa:*) Mesmo certo tu... tu gostas dela?... (*Orfeu não responde; coloca o disco no aparelho. Com um pé calçado e outro descalço, Edward vai buscar o seu copo*)

## 1.ª AUDIÊNCIA

*de uísque:)* Gostas? *(Trejeito maricas:)* Que te faça muito bom proveito!... *(Bebe.)* Não digo que seja feia, mas... caramba! parece que saiu do frigorífico. *(Risinho. Bebe mais.)* Congelada... aquilo é uma cara congelada!... *(Gargalhada. Senta-se de novo, outra vez a calçar os sapatos. Começa a ouvir-se um canto coral masculino, em alemão: Uma das mais célebres marchas cantadas pelas juventudes hitlerianas, no auge do nacional-socialismo. Perplexo, Edward torna a suspender a tarefa:)* Mas... o que é? Que diabo de...?!

**ORFEU** *(Está em frente de Edward, como um carrasco: As pernas tensas de energia e afastadas, os olhos cheios de raiva.)* Deixa isso, Edward; não te calces. *(Num movimento súbito, tira-lhe o sapato da mão, arremessando-o ao solo. Edward encolhe-se, receoso. Orfeu avança mais para ele.)*

**EDWARD** *(Com medo.)* Orfeu?!...

**ORFEU** *(Alisa a fâcies num sorriso ambíguo, ruim.)* Para que hás-de calçar-te?! Não vale a pena. *(Riso silencioso, cruel.)* Prefiro-te descalço...

**EDWARD** *(Logo dengoso; em cúmplice.)* Mas então...?

**ORFEU** *(Doçura terrível.)* Então... não te deixo sair daqui, jóia! Ficas comigo. *(Por duas vezes seguidas, a luz acende-se e apaga-se. O canto nazi aumenta de intensidade.)*

**EDWARD** *(Que se levantou, com medo.)* Meu Deus, o que foi...?! *(Luz normal.)*

**ORFEU** *(Avançando para Edward que, confuso e cada vez mais assustado, recua até à parede.)* Nada, Edward. Nada que mude substancialmente as coisas... *(Riso silencioso, gelado)*

*e cruel.*) Chegou agora alguém. Foi só isto. Está ali, por detrás daquela porta: Espera que o chamem. É alguém que vem armado. Alguém que não pode com «bichas»! (*Mais audível o canto nazi.*) Se ele entra aqui e dá contigo, estás perdido: Topa-te logo, num segundo! (*Fúria metálica crescente:*) Será facilimo. (*Avança para Edward que, quase descontrolado, lhe foge.*) Porque tu és uma bicha miserável, das que não enganam ninguém... uma «choca» nojenta, um escarro! (*Aparece Eurídice, à porta da cozinha: Estática, segue ansiosa a cena.*) Uma coisa. Uma coisa que deve desaparecer do mundo! Uma coisa suja, reles... Uma trampa!... (*Edward, aterrorizado, tropeça e cai sobre um sofá: Grito rouco, aflito.*) Só ver-te, dá vômitos! (*Agarra Edward com uma das mãos, violento, obrigando-o a erguer-se; com a outra esbofeteia-o.*) Um resto de coisa feia... podre... Lixo... só bom para eliminar! (*Uma saraivada de socos fortes. Edward cai no chão. Pontapés. O rapaz chora alto, como uma mulher. O coro nazi está agora no auge. De súbito, Orfeu pega num machado caído junto da chaminé. Em fúria, levanta-o acima da cabeça. Apaga-se a luz da sala. Através da janela, vê-se o clarão verde da luz néon dum reclamo exterior que acende e apaga. É esta luz verde que ilumina Orfeu, quando ele desencadeia uma machadada direita à cabeça de Edward. Apaga-se o reclamo. Grito da vítima: pavoroso, mortal. Acende-se o néon verde.*)

**EURIDICE**

(*Gritando, lacerada.*) Joseph! Joseph!!... (*A luz verde e entrecortada do reclamo mostra-nos Orfeu, possesso de fúria sádica, erguer e descer o machado ininterruptamente. Gritos, depois gemidos, de Edward; cada vez mais fracos. Voz de Eurídice:*) Joseph!... (*Entra Joseph Smith, de roldão. Acende a luz da sala: Orfeu, sujo de sangue, sacode selvaticamente o corpo de Edward que ainda se agita. Joseph, com um «stick» em riste, corre para eles: Descarre-*

## 1.ª AUDIÊNCIA

ga-o várias vezes sobre a cabeça do Edward, agredindo-o simultaneamente com pontapés. Sempre à porta, imóvel e lívida, Eurídice contém a respiração, queimando nos olhos um fogo intenso e sádico. Dois ou três gemidos débeis de Edward. Orfeu, em movimentos de violência despropositada, arranca o fio dum candeeiro de mesa e estrangula com ele o moribundo. Silêncio completo. O corpo de Edward está agora inerte. Orfeu queda-se, enfim: Com a face suja de sangue e cuspo, horrível, desumanizado.)

**JOSEPH** (*Deixa cair o «stick» no chão; debruça-se sobre o corpo de Edward, toma-lhe o pulso.*) Pronto! Foi-se. (*Tendo no rosto uma expressão liberta e feroz, Eurídice avança uns passos na direcção dos outros. Como quem acorda, alheado e estranho, quase sem consciencializar o acto, Orfeu olha alternadamente ora para o morto, ora para Eurídice ou Joseph. Com uma força mantida profunda, Eurídice debruça-se sobre Orfeu, olhando-o nos olhos. Este respira amplamente, estremece abanando a cabeça, e por fim levanta-se: Susto vago, angústia dolorosa.*)

**EURÍDICE** (*Firme, dura. Serena.*) Acabou.

**JOSEPH** (*Que tirou a carteira do bolso de Edward; esvaziando-a.*) Uma libra... vinte shillings... (*Arremessa a carteira para cima da mesa; com desprezo:*) Afinal este tipo era um teso!... (*Joseph Smith é um rapaz de dezoito anos, alto e magro, cuja aparência geral se nos oferece frágil e graciosa. Longa cabeleira loira, com uma melena tombando insistentemente sobre a testa estreita e baixa. Os traços faciais são delicados, pouco definidos, às vezes mesmo esvoaçantes; boca fresca e carnuda, com algo de infantil ou primitivo; olhos claros, grandes e opacos, muito pouco iluminados de dentro pela inteligência: Da reunião destes*

*elementos resulta um não sei quê de puro, de angélico ou animal.)*

**VOZ DE MAUREEN WILLIAMS** *(Voz velha e ensonada, fervida de tosses.) Eurídice!... Eurídice?!... (Orfeu, Eurídice e Joseph, num movimento uníssono de defesa, voltam-se para a porta correspondente ao quarto de Maureen: Os três, logo inquietos, em expectativa ansiosa. Rodada toda a banda do disco: Já não se ouve o canto hitleriano, apenas o arranhar da agulha.)*

**EURIDICE** *(Dominando-se. Uns passos na direcção do quarto de Maureen. Silêncio sombrio. Voz serena, quotidiana.) Estou aqui, avó! Queres alguma coisa?...*

**VOZ DE MAUREEN** *(Rabugenta.) Quero que me deixem dormir! Que barulho é esse?!...*

**EURIDICE** *(Agora com a boca encostada à porta.) Não é nada, avó. Foi o candeeiro que caiu: Magoou-me um pé... (Riso ligeiro.) Mas já não me dói. Desculpa, sim? E dorme, por favor. (Aguardam os três, em silêncio.)*

**JOSEPH** A velhota adormeceu...?

**EURIDICE** *(Que volta para junto dos homens.) Sim. Já está, outra vez. (Orfeu e Eurídice dão-se as mãos, olhos nos olhos profundamente; sorriem. Joseph logo os imita, sorrindo também: Leve e estovado, medo nervoso. Estas três personagens imobilizam-se assim nas posições indicadas, fixando as respectivas expressões faciais. A luz vai baixando, até à obscuridade completa. Desce o «plateau» da Retrospectiva I, subindo logo o outro, o da gaiola de vidro. Luz neste sector: Orfeu e Eurídice, como réus, sentados nas respectivas cadeiras; escutam atentos o tribunal, tiram notas, etc.. Gradualmente, vai subindo a luz nos outros sectores do palco*

## 1.ª AUDIÊNCIA

— Juizes, Advogados, Jurados, etc. — até que a sala do tribunal fica toda reconstituída, como no principio da Audiência.)

**PROCURADOR DA  
RAINHA**

(Continuando a ler a acta da accusação.) O anatómopatologista que autopsiou o cadáver de Edward Jones descobriu catorze lacerações irregulares, com tamanhos entre uma e cinco polegadas, todas elas distribuídas pelo coiro cabeludo e pela face direita. Ainda segundo este anatómopatologista, a causa principal da morte teria sido «fractura do crânio, com hemorragia consequente»; como causa secundária, esta correspondente à fase final da aggressão, cita ainda o «estrangulamento». (Pausa. Tira os óculos. Falando directamente para a assistência:) Queria chamar a atenção dos membros do júri para este relatório: Acham que ele é conciliável com a tese da defesa? Não lhes parece que a palavra acidente — e a morte do Edward Jones mais não teria sido que um lamentável acidente! — não é a mais apropriada para classificar este crime brutal — catorze golpes de machado, seguidos de estrangulamento?! (Baixa geral da luz. Um projector, dirigido para os jurados, corrê-los-á um a um, quedando-se neste ou naquele, durante o tempo que as vozes respectivas se ouvirem em «off». Luz especial sobre Orfeu e Eurídice, ambos sentados na sua gaiola de vidro.)

**1.º JURADO**

(No rosto impassível, apenas os olhos surgem mais negros e brilhantes, mais profundos e mordazes.) Calma! A procissão mal saiu ainda. Muita calma. Este processo vale uma resposta. Com que então a pena de morte não passa dum atraso reaccionário, um cancro social, um estigma mágico numa época científica, etc., etc., etc.? Como castigar então assassinos deste quilate? Como proteger deles a sociedade dos nossos filhos, mulheres e pais?... Este julgamento é, de facto, uma boa e objectiva resposta: Ouçam-na os senhores generosos e de bom coração, os teóricos do chamado

progresso ético-social, os partidários da irresponsabilidade científica... Cretinos, fracos, grandes hipócritas! Não foi o respeito pela vida humana que os moveu, aos arranjistás que lutaram pela abolição da pena de morte. Deixemo-nos de palavras bonitas mas idiotas! O que eles queriam verdadeiramente, e conseguiram!, era ganhar as eleições. Politiqueiros venais, falsos como Judas! E agora? Dez anos de prisão é castigo bastante para monstros-assassinos de crianças, como aquele Orfeu, como aquela Eurídice?!... Calma. Há males que vêm por bem: Quem sabe se este processo não irá abrir os olhos ao nosso decadente país? Calma.

**3.º JURADO**

*(Que está assustado, controlando-se com muita dificuldade. Voz sucumbida, crispada de arrepios. É um homem mirrado, amarelento e grisalho. Tique nos músculos palpebrais que, sobretudo nos momentos críticos, não cessam de se contrair.)* Coitado do Edward Jones! Era um miúdo, afinal de contas... Nem posso pensar no medo, na surpresa horrórosa que ele há-de ter sentido, naqueles momentos, antes de o matarem! Pobre rapazito... Dezassete anos! Tinha a idade do meu Tony. Fê-los o mês passado. Com que golpes horríveis pode ser já retalhada a vida dum garoto de dezassete anos! Que perigos, que ciladas, que desejos!... Valha-nos Deus. Eu pouco, ou nada, sei do meu Tony: Com quem anda? Quem são os seus amigos?... Não, a verdade é que não tenho dado ao meu filho a assistência que ele precisa. Que faz ele fora de casa? Que sítios frequenta?... Não tenho tempo. Nunca tenho tempo! Não habituei o Tony à minha companhia, e agora... Agora ele foge de mim, creio que o aborreço profundamente! Quase... quase como dois estranhos. *(Num ímpeto doloroso:)* Mas eu amo-o!!

**5.º JURADO**

*(Homem de quarenta e cinco anos, baixo e atarracado; lábios grossos e ávidos, olhos pequenos e simiescos protegidos por densas sobranceiras negras, mãos papudas e pilosas.*

*Voz escarninha, sem emoção, pesada de sensualidades grosseiras.)* Está mais que visto: Ela, a mulher, é que foi o dinamismo de toda esta sujeira! Mas olhem pra essa Eurídice, vejam-na: Ali está, muito descansadinha da sua vida, toda empertigada, mais que segura... Parece que não foi nada com ela, claro! Cá por mim, levas a tua conta, olá se levas! Olhos pintados, bâton na boquinha, verniz nas unhas... boa meia, boa perna!... Ah, és de força, minha grande sabida! Ele agora é que vai amochar com tudo, bem entendido! Mas talvez te saia o cão na carreira. Só se eu não puder!... Grande palerma, aquele Orfeu! Só ele é que brincou; ela não, a santinha! Sim, virtuosa donzela, tu não fizeste nada com o Edward, pois não? Claro que não. Isso sim! Deus nos livre dos maus pensamentos. Sentadinha num canto, pura, imaculada... rezavas pelo bom passamento da sua alma. Desavergonhada! Eu te direi!... Conta comigo.

**6.º JURADO**

*(Homem alto, atlético; já um pouco calvo, apresenta o rosto, de maxilares duros, marcado por algumas rugas fundas e enérgicas. Casaco largo de xadrez, desportivo. Resume um todo de força brutal, com algo de implacável e iminentemente explosivo. Voz de comando, metálica.)* E pronto. Vamos todos perder aqui dias e dias, entre discussões e salamaleques... para descobrir qual é a cor da casca branca do ovo! Ah, é em situações deste género que eu tenho saudades da guerra: Vinte anos atrás, a gente arrumava aquele casal de bandidos de encontro a uma parede e, sem mais conversas, borrifávamo-los de alto a baixo com uma linda chuvada de metralhadora! E o outro, o tal... o maricas também podia beneficiar da mesma dose: Não se perdia nada! *(Faz com as mãos o gesto, logo abortado, de «varrer à metralhadora»:)* Trre-re-re... Pronto, num segundo ficava tudo resolvido!

**4.º JURADO**

*(Um homem de cinquenta anos, magro e pálido, vestido*

*com uma elegância voluntariamente discreta, mas pormenorizada em excesso; cabelo castanho, talvez pintado; so-brancelhas desenhadas demais, face massajada; mãos de dedos longos e delicados, com um anel onde brilha uma grande pedra lilás. Voz irónica, mal escondendo a real amargura.)* A segurança que aquele homem aparenta!... Está senhor de si, talvez orgulhoso. Tens razão, Orfeu! Bem vistas as coisas, que importância tem isso de matar um homossexual, uma «reles bicha»?! Toma mas é atenção com os outros dois crimes, o assassinio das crianças: Daí sim, pode vir-te mal. Agora da morte desse Edward...!? Não, isso não pesará muito na sentença. Tu, Orfeu, sabes bem que é assim. Todos os pederastas — mesmo quando tenham dezassete anos!... — são antissociais, perversos de instinto e do carácter, mentirosos e cobardes, imaturos e deficientes éticos... capazes de tudo, do pior! Descansa, Orfeu: Realmente a morte do Edward Jones pouco vale, pouco ou nada contará.

## 7.º JURADO

*(Fino, requintado, «snob»; superiormente irónico, não misturável; voz distanciada, quase negligente.)* Por mim, talvez não devesse fazer parte deste júri: Difícilmente posso compreender esta gente. Tudo isto é vício baixo, sem graça nem elegância. Miséria, selvajaria, falta de princípios. Escória. Retrete do mundo. Gente sem classe, animalesca, destituída de todo o espírito ou humor. Não, isto aborrece-me, fatiga-me, repugna-me... suja-me! *(Boceja.)* Oh, uma ou duas dúzias de campos de concentração, bem concebidos, cientificamente apetrechados — e há toda uma experiência feita, válida dos pontos de vista numérico e técnico, não é assim? — resolviam, em minha opinião, estes casos tão desagradáveis... digamos, inestéticos. *(Boceja.)*

## 3.º JURADO

E se eu desse uma entrevista aos jornais? Não sei se esta situação de membro do júri mo permitirá...?

## 8.º JURADO

*(Homem com cerca de sessenta anos; aparência geral de bonomia, à qual os olhos claros e vivos — aço liquefeito em simpatia — emprestam algo de inquietante, um não sei quê que obriga as pessoas a reparar nele. Face de patriarca, de sábio, de sacerdote, ou melhor, uma mistura de tudo isto. A voz, serena e quente de amor, refinada ainda que simples, ajuda a alicerçar uma impressão profunda de respeito e nobreza, de harmonia.)* Monstros, tarados, débeis, imaturos... Que mundo, que sociedade a nossa! Falhámos. Falhámos todos, é evidente. Quem duvida do parentesco que liga, hoje mais que nunca, as vítimas e os verdugos? Há que refazer, que começar tudo de novo. Por mim, vivi toda a minha vida, e já agora morrerei, no tempo dos assassinos. No local do crime. *(Luz normal, na sala do julgamento. O Procurador da Rainha continua a expor a tese da acusação.)*

PROCURADOR DA  
RAINHA

Lembro aos membros do júri que, segundo o testemunho de Joseph Smith, a vítima deste crime, Edward Jones, se encontrava, quando o mesmo foi cometido, sem sapatos e com a roupa desabotoada. Foi assim, de facto, que a polícia achou o cadáver. Recordo também que, das duas crianças assassinadas, uma delas, a Ann Gilbert, foi enterrada nua na Charneca; e que a outra, o John Huston, foi descoberto na sua sepultura com as calças e a roupa interior descidas até aos joelhos. A minha interpretação, relativamente a estes três crimes de morte, é que em todos eles houve um elemento comum, de natureza sexual. E não apenas um elemento sexual simples, mas um elemento de motivação mórbida, um elemento sexual perverso. *(Silêncio. Põe os óculos, voltando a ler na acta acusatória:)* Logo após o assassinio do Edward Jones, as três personagens desta história, Eurídice, Orfeu e Joseph Smith, trataram de, dividindo as tarefas, arrumar a sala, limpando-a do sangue que correrá abundante. Só depois é que o Orfeu — isto segundo o testemunho do Smith, aliás confirmado na instrução pelos réus — cuidou de pre-